

# yuimaki

um jornal multilíngue do Acre

---

ANO XV \* 28ª Edição \* Publicação Semestral \* Julho de 2006

---

## Entrevista com Francisco Pianko, Secretário dos Povos Indígenas

◆ Pág 02

“As comunidades indígenas, hoje, têm mais claro que não devem viver às custas do mandato de um partido, mas viver uma agenda direcionada para a questão da sustentabilidade”



### Política

**ASCOYAC – Associação da Comunidade Yaminawa do Alto Acre**

◆ Pág 07

### Educação

**Cartilha Nukū Tsāy Shawādawa**

◆ Pág 12

### Meio Ambiente

**Proteção Transfronteiriça da Serra do Divisor e Alto Juruá**

◆ Pág 15

### Cultura

**Nuku Dewe Nixi Paena Haũdua Ewawa**

◆ Pág 20

### Material Didático

**Lançamento da Coleção Caderno de Pesquisa**

◆ Pág 22

# Francisco Pianko, Secretário dos Povos Indígenas

Entrevista realizada por Ingrid Weber e Terri Valle de Aquino

**Em 2001 você foi nomeado Secretário de Meio Ambiente do Município de Marechal Thaumaturgo. Como foi essa experiência?**

Foi a partir do trabalho que a gente fez na nossa comunidade que o Prefeito me chamou, porque o município está praticamente tomado por áreas de proteção. Mas foi muito difícil trazer uma experiência como a da Apiwtxa pro município, porque as pessoas estão em outra. Elas estão num processo de trocar a sua casa de madeira por uma de alvenaria, uma cobertura de palha por uma de alumínio, então é muito difícil você falar sobre meio ambiente, sobre a importância dos recursos naturais. É muita desinformação no município. As pessoas estavam preocupadas em trabalhar mais pelo ganho político do que pelas ações concretas; plantar uma árvore não era um ganho, cuidar do rio não era um ganho, era mais ganho fazer uma festa, uma reunião.

Funcionava muito assim: você ter recursos para distribuir entre as famílias dos cabos eleitorais. E aí não colava comigo, eu não sabia fazer isto, nunca tinha feito. A tensão era mais nesse sentido do que trabalhar com metas. Já tinha as pessoas mapeadas no município: pra essas você tem que botar gasolina, pra aquelas você tem que botar tal coisa... Então isso atrasa um processo de desenvolvimento. Era uma prefeitura política, do assistencialismo, que empregava o membro de uma família pra poder ter ela ao seu lado, sempre visando o pleito eleitoral. Então eu via muito atraso nas coisas. Eu tinha muita dificuldade, porque estava acostumado a trabalhar em uma estrutura em que você tinha condições de propor, de fazer as mudanças. Então foi difícil, mas aprendi algumas coisas. Eu fiquei nesse cargo somente um ano e seis meses.

**Você chegou a se candidatar a coordenador da UNI. Qual era tua visão do movimento indígena na-**



▣ Governador Jorge Viana, Francisco Pianko e sua família na Aldeia Apiwtxa

**quela época?**

Eu tinha uma visão de que precisava mudar muita coisa. A gente via na condução política do movimento que estavam tratando a gente como pessoas que não estavam à altura de se autoapresentar, de ser independentes. Era ouvida a voz do movimento, mas não era ouvido o povo Ashaninka, o povo Kaxinawá, etc. E o movimento tomava muitas decisões que deixavam a gente de lado, que não estavam de acordo com aquilo que a gente estava falando. Eu ficava numa angústia muito grande: saímos da mão dos patrões que mandavam na gente e agora temos um movimento que já fez muita coisa importante, mas que não está deixando a gente crescer. Então, a minha idéia era esta: pensar a vez das comunidades fazerem por elas.

Mas eu era visto como uma pessoa nova, uma pessoa que não conhecia o movimento. E a minha posição nesse sentido deixava as pessoas meio desconfiadas. Eu não tinha intenção de prejudicar ninguém, só tinha opinião diferente. A minha intenção era ganhar, chamar todo mundo, rediscutir essa estrutura e fazer uma coisa mais atualizada, pra que a gente pudesse ter um movimento indígena, mas um movimento que tivesse uma orientação da base, que

não limitasse as comunidades.

**Você alguma vez sonhou que chegaria a ser Secretário de Estado?**

Não, mas eu sempre trabalhei pra estar junto daqueles que estavam pensando em melhorar, pensando um projeto mais amplo. Eu tenho consciência de que consegui fazer na minha comunidade um bom trabalho e chegou o momento que vi que poderia dar uma contribuição mais ampla, numa instância maior, seja como movimento, seja dentro do governo. Eu queria me colocar como um instrumento pra inovação, pra fazer as coisas acontecer.

Na eleição da UNI tentaram fazer um arranjo assim: “O Francisco fica vice do Chico Preto”. O pessoal fez um arranjo que era como uma luva, tudo costura bem feitinha. Mas na hora que foram colocar os nomes, não tinha concorrente, aí eu falei: “Eu vou concorrer com o Chico”. Então tirei o meu nome costurado e coloquei pra concorrer. A partir daí, eu mostrei que não estava de acordo com a política que estava sendo feita. Eu iria ficar preso a uma situação sem poder desenvolver aquilo que eu queria fazer. Eu vim pra Rio Branco, fui conhecendo os espaços e achando as possibilidades, encontrando condições pra fazer o que eu vim fazer. E vim já mui-

to seguro, muito tranquilo, porque eu não trazia comigo só conversa, eu estava trazendo uma vivência, uma experiência de trabalho.

Mas eu nunca pensava em ser Secretário de Estado. Hoje eu faço uma leitura do porquê cheguei a esse cargo, mas até assumir a Secretaria eu não sabia nem o que era um Secretário. E eu acho que está dando certo porque eu não peguei uma agenda definida pra cumprir. A gente foi construindo passo a passo, definindo as questões, descobrindo a forma de se trabalhar a partir do que estava sendo feito, e de uma maneira bem participativa. Então eu não saí da minha aldeia para ser Secretário. Eu saí sem saber qual o canto que eu iria ocupar, mas tinha muito claro que queria ajudar o movimento, o Estado, e já com essa linha muito bem definida.

### Como surgiu a SEPI? Qual é o seu papel?

A SEPI surgiu porque havia um compromisso do governador Jorge Viana, não foi só porque o movimento estava reivindicando. Foi o próprio governador que sentiu a necessidade de ter um instrumento dentro do seu governo que cuidasse da questão indígena. A idéia era preparar o Estado e as comunidades indígenas para ter uma relação diferente.

Quando a gente começou, a primeira coisa que eu fiz foi ler os relatórios e andar nas comunidades indígenas. E a gente via que existia toda uma boa intenção de fazer as coisas nas comunidades, mas que não levavam em conta

a sua realidade. Deixavam de atender uma necessidade real, pra atender os sonhos. Por exemplo, você tava no pensamento de produzir, fazer o açúcar, mas você ainda não tinha plantado a cana e já chegava a engenhoca. Então a engenhoca ficava enferrujando. Se plantassem a cana, daqui a um ano iam botar a engenhoca pra funcionar; se não, esse investimento ficava parado. Se nunca plantassem, essa engenhoca enferrujava e se perdia. Por isso é que estou falando que as pessoas trabalhavam com sonhos e não com a realidade. E tanto as comunidades como o Estado alimentaram isso. Então, essa foi uma discussão que a gente fez, pra não cometer mais esse tipo de erro. A outra coisa foram os programas, as atividades. Um exemplo: na TI do Rio Gregório, que é uma terra grande e rica em recursos naturais, eles têm costume de coletar, de caçar, de pescar; não têm a cultura de criar animal. Se está havendo um problema na caça, o máximo que a gente pode fazer é trabalhar a orientação do uso, do manejo, mas não pensar em criar. Porque daí a gente já começa errado.

Então, pra tudo isso a gente foi definindo estratégias. Pra que a gente não cometesse o erro de criar expectativas, porque as coisas começam a pegar moda. Você começa uma atividade aqui e vai se repetir isso em todas as outras comunidades, porque havia um entendimento de que as ações tinham que ser padronizadas. Se você não está organizado pra discutir com as comunidades caso a caso, a gente vai criando modas e não consegue dar conta. Porque o Es-

tado tem limites. O governo não pode pensar em criar uma agenda com as comunidades indígenas só porque alguém falou o pedido de uma liderança. Tem que estar de acordo com a política definida, a partir do entendimento que se tem.

A gente sempre deixou muito claro o papel do Estado: nós temos o papel de orientar, de fazer as pessoas acessarem os benefícios, mas não vamos obrigar as comunidades a entrar num processo para ter todas elas com uma mesma cara, com um mesmo nível de organização ou com a mesma estrutura. Aquelas que quiserem caminhar mais rápido, vão andar, aquelas que não quiserem, também vão ficar do jeito que elas querem. Porque, se não, estamos indo contra tudo aquilo que a gente está discutindo, sobre o direito e o respeito a essas comunidades. E temos muito claro que é a comunidade indígena quem tem que fazer a sua gestão, cuidar da sua identidade, cuidar da sua vida, e não o Estado. O Estado tem obrigações, tem seu papel, mas não tem o direito de fazer da comunidade aquilo que ele quer.

### A SEPI é uma secretaria de articulação, mas ultimamente ela também tem captado recursos. Como funciona isto?

Eu acho que ela deve ser sempre uma secretaria de articular políticas, ela não pode mudar pra se tornar executora. O que a gente está fazendo? Tudo que a gente consegue em nome dos povos indígenas, a gente tenta distribuir entre as secretarias que têm função executiva. A SEPI articula e faz o acompanhamento. Nós temos que manter assim, porque se ela passar a ser uma secretaria executora, ela vai ter que criar uma estrutura muito grande, e não tem necessidade. Agora, é claro, ela tem que ter o papel de coordenar as ações, chamar as outras secretarias e direcionar as políticas pras comunidades dentro de uma ação integrada.

Antes, do jeito que o Estado trabalhava, cada um ia fazendo a sua parte. Mas era assim: um barco chegando e outro saindo das comunidades indígenas. E muitas vezes, quando aparecia em uma reunião um assunto diferente - a questão da produção, por exemplo - e estava a equipe da educação, eles dizi-



Caçada na TI Yawanawá Rio Gregório

am: “Nós não temos nada a ver com isso”. E até uma equipe da produção ir lá pra atender essa necessidade, já tinha passado muito tempo. Então, a gente tentou trabalhar pra não acontecer mais isso. A educação precisa saber como está a produção, como está a saúde, como estão as outras áreas de assistência técnica, porque lá na aldeia ela pode discutir essas questões. Eu tenho conversado muito com as equipes que atuam nas comunidades indígenas pra gente conseguir chegar lá de maneira mais organizada. Porque se nós não organizarmos o nosso serviço pra oferecer pras comunidades indígenas, nós temos aí uma perda muito grande. Só o nosso exemplo desorganizado, de Estado, já vai desorganizando a comunidade. Por exemplo, chega uma equipe que só trata com o professor, outra equipe que trata com não sei quem, então essa coisa vai deixando a comunidade se dividir também.

A grande mudança foi fazer o Estado entender isso: a necessidade de se fazer uma política de maneira integrada, pra não dizer: “Isso aí não é uma questão minha...”. Porque não tem essa questão ‘minha’ e ‘sua’, eu acho que nós temos funções, papéis diferentes, mas nós temos que entender que somos o Estado brasileiro, ou o Estado do Acre, pra fazer as políticas. Nesse sentido, a Secretaria Indígena passou a ser vista, por todas as outras secretarias, como um instrumento muito importante. A gente faz os encontros pra discutir os assuntos e da discussão a gente tira um encaminhamento conjunto pras questões. Então não é uma secretaria que vai impor, mas é um instrumento que reúne e que facilita pra que as coisas sigam de uma determinada maneira, pra que as decisões de Estado ocorram dentro dessa orientação. E a gente conseguiu fazer coisas muito importantes. Esse instrumento passou a ser uma espécie de liderança dentro do assunto indígena. Um pouco como o papel de uma liderança de uma comunidade indígena, onde tem muitos assuntos e alguém tem que chamar pra encaminhar as questões.

**Você acha que a SEPI foi um “divisor de águas” na vida dos povos indígenas do Acre?**

Eu acho que foi. Começou a partir do momento em que o governador Jor-



☐ Cacique Afonsinho (à direita) na TI Colônia 27, depois da ampliação

ge Viana colocou o slogan do seu governo como “Governo da Floresta”. A partir daí já começou a mudar, porque com esse nome toda a sociedade da floresta - os povos indígenas, os extrativistas, os seringueiros, os ribeirinhos - se viu nessa marca. Foi muito forte e só se sustentou porque o governo não estava fazendo isso de fachada, estava fazendo isso com muita clareza, com muita segurança desses valores. E o povo indígena compreendeu isso muito bem, porque era uma luta sua.

A Secretaria Indígena, ela vem como uma continuidade desse processo, pela necessidade de se aprofundar mais a questão indígena. A SEPI não ficou fazendo assistencialismo. A gente procurou fazer com que as comunidades indígenas pudessem se ver dentro desse processo de mudança que a gente está se propondo a fazer. E a gente tem observado mudanças muito grandes, desde a questão do entendimento - do papel de comunidade, do papel de movimento, do papel de Estado e de outros parceiros -, até a idéia da autonomia. De fazer com que essas comunidades tenham agendas próprias e que elas possam buscar, de acordo com suas necessidades, os programas que estão disponíveis. E que elas possam exercer o papel de se auto programar e de se auto gerir. As comunidades indígenas, hoje, têm mais claro que elas não devem viver às custas de uma temporada de mandato de um partido, mas viver uma agenda direcionada para a questão da sustentabilidade.

Para citar um exemplo, quando eu assumi o governo, encontrei uma terra

indígena numa situação muito delicada, a Colônia 27. Tinha uma área de cem hectares - olha o tamanho da terra! - e o governo tinha acabado de adquirir mais 160 hectares, então ficou uma área de 260 hectares. Você olhava de uma ponta da área e via a área todinha, era um pasto só. E a comunidade da Colônia 27 estava dependendo totalmente do mercado de Tarauacá, porque não tinha como produzir seus alimentos. Até água faltou e nós passamos dois anos botando água na época de verão pra essa comunidade beber. Já pensou, uma comunidade indígena, aqui no Acre, sem água pra beber? E fizemos todo um trabalho, um investimento alto, pra tentar mudar essa situação. Mas o mais interessante é que eu vi nessa terra indígena o local onde eu tinha começado, dentro de uma fazenda, de um pasto, a implantar a nossa aldeia. Então me inspirei na experiência da Apiwtxa pra fazer esse trabalho. E, hoje, o que me deixa muito feliz é saber que essa idéia foi plantada nessa comunidade: já produziram mais de quarenta mil mudas, estão reflorestando a área toda e têm um canteiro, com muitas plantas, de mais de dois hectares! Está havendo uma transformação tão grande e o mais importante é que as pessoas estão observando isso e estão animadas. Está se formando uma geração nova com esse pensamento. Hoje, o Estado já levou vários benefícios pra essa comunidade: tem poço furado, chegou o ‘Luz para Todos’, tem os açudes que foram feitos e estão recebendo o peixamento agora, tem os criadouros de galinha caipira que a gente vai fazer. Então, encontramos um jeito de aten-



☐ Crianças Ashaninka: indumentária do contato

der essa comunidade. Para mim, pra maior que seja o investimento do Estado, ele não representa mais que a decisão tomada pela comunidade inteira de dizer: “A partir de hoje, a gente vai mudar a nossa história”.

Então esse é um exemplo de um povo que não tinha perspectiva de nada, achava que estava perdido, e hoje já está comemorando. É um processo que ainda vai precisar de muitos investimentos, mas eu acho que o caminho já foi encontrado.

**Quais as perspectivas pro próximo governo? A SEPI continua? Você continua?**

Eu acho que o projeto que vem sendo conduzido até hoje tem uma necessidade grande de continuar, independente de ser eu ou outra pessoa. Nós temos que pensar em cultivar essa idéia, procurar fazer com que permaneça a credibilidade do Estado perante as comunidades. Estou no meu quarto ano de trabalho nessa gestão. É muito pouco tempo, mas foi plantada uma semente que precisa ser regada, ainda precisa crescer, precisa dar frutos, amadurecer e se espalhar. Mas não sou eu que vou dizer quem deve assumir, eu só zelo pela intenção, pelo projeto, pela linha política de trabalho que estamos conduzindo. Na verdade, quem decide é o próximo governo. Se for do jeito que está, com a

liberdade e responsabilidade que foi dada pra condução desse projeto, eu acredito que vai depender muito de quem estiver à frente. Porque é um ris-

fazer tudo. Passou esse mandato, no outro também vai ter muitas coisas pra fazer, mas acho que a semente está lançada. ☐

co também, você deixar uma liberdade grande na mão de um Secretário, uma pessoa, que não entendeu, que não conhece. Isto pode distorcer e prejudicar uma linha de trabalho que vem sendo feita obedecendo todos esses critérios que eu falei.

O mais forte desse projeto é que ele não está aqui pensando no imediato, ele está pensando a médio e longo prazos. Talvez, a partir dessa orientação a gente tenha bons exemplos que possam ir puxando outros. Porque esses bons exemplos podem estar incentivando aquelas comunidades que muitas vezes já estão desanimadas a encontrar uma saída. Eu acho que a gente nunca consegue

**PROGRAMAS DESENVOLVIDOS PELA SEPI**

- 1- Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sócio-Econômico e Ambiental das Comunidades Indígenas do Estado do Acre
- 2- Projeto Apoio às Populações Indígenas Impactadas pelas Rodovias Brs 364 e 317/ Programa Integrado de Desenvolvimento Sustentável do Estado do Acre (BNDES, Fase II)
- 3- Programa de Valorização e Comercialização do Artesanato Indígena do Estado do Acre – Plano de Negócios
- 4- Projeto de Capacitação de Gestores Indígenas de Atividades Econômicas Sustentáveis
- 5- Projeto de Capacitação de Gestores de Projetos
- 6- Projeto Segurança Alimentar, Produção e Gestão Territorial (SEPI/SEMA)

**Nukũ shaneibu miyui**

Peki ã bestabũ nukũ shanẽ ibu besta isĩ bima nuku usha shuxiãki shanẽ, ibu Kana Recreio nuarã. Haska ã matu bana bimair haũ kena nuku maẽ biskurã haũ nawã kena Francisco Lopes Kaxinawa, conhecido Pancho rã.

Haska nuku nuima bai xi naki natiã nuku nabuya nawã xinã besta besta pa nuku mae kiri xinaiibu nuku nabuya betã nema kubirã xiã haska haũ raiya nuku uimã bai maxiãkiri, ã matu kene yuimanu ã matu kene shuãi shuãi hatis ã matuyuiiai.



☐ Pancho Lopes Kaxinawá (1989)

◆ Santa Rosa do Purus  
José Domingos Kaxinawá

# Intercâmbio Iepé / OPIAC (RCA-Brasil) Relatório de viagem

Particpei do curso de formação diferenciada dos povos indígenas do Acre. No primeiro dia, observei eles fazerem levantamento sócio-lingüístico das línguas indígenas faladas no Acre. Quem estava na frente desse trabalho foi a OPIAC (Organização dos Professores Indígenas do Acre) e a CPI-AC (Comissão Pró-Índio do Acre). No entanto, eles já vêm fazendo essas pesquisas há muito tempo, por isso já estão afiados com o trabalho. Esse levantamento foi feito para saber quantas etnias ainda falam ou sabem da sua língua ou se tem algum povo que já perdeu a sua língua até mesmo a sua cultura, as suas danças. Os parentes Wajãpi fizeram apresentação sobre o trabalho que eles fazem na aldeia. Dois professores Wajãpi também foram nesse intercâmbio, junto com a assessora do Iepé, Silvia Cunha.

No dia seguinte, fomos para Rio Branco e visitamos a SEPI (Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas do Acre), onde estivemos reunidos com o secretário Francisco Ashaninka. Ele explicou dizendo que ele estava naquele lugar, mas não era para mandar e sim para dar apoio às comunidades indígenas. Falou também que só são 'ponte' ou fazem acompanhamento dos trabalhos de outros órgãos. E disse também que o governo dá todo o suporte aos índios. Bem interessante é a parceria da Funai, Funasa, Prefeitura, Estado e a própria organização indígena. Eles trabalham sempre com parcerias. Assim, quando é para resolver problemas eles vão buscar as soluções em conjunto. Então eu digo que a maneira deles trabalharem é muito boa. No Acre ninguém interfere no trabalho do outro.

Segundo os parentes de lá, eles têm realizado um trabalho grande de sensibilização das comunidades. Hoje a política indígena no Acre está mais voltada para a educação indígena e eles têm uma união bem forte nessa questão. Lutaram para que fosse implantada a



☐ João Tiriyo e Francisca Arara em visita à Secretaria dos Povos Indígenas

escola diferenciada nas aldeias. As escolas funcionam de 1ª a 4ª série e também de 5ª a 8ª série, e em algumas aldeias já têm até o 2º grau. Vendo essa realidade, eu pensei de como aqui no Amapá as coisas são diferentes, como estamos atrasados. Eu disse para eles que enquanto eles avançavam, aqui no Amapá uns ficavam interferindo no trabalho do outro, não fazem e não deixam que outras pessoas façam o trabalho, e o tempo vai correndo sem parar. Se a comunidade não estiver unida, a escola não vai funcionar bem. Sem união nada vamos conseguir.

Foi dito ainda que devemos trazer mais gente para conhecer a realidade de outros lugares, como lá no Acre. Que seria bom que lideranças e professores do Amapá fossem lá ver como as coisas funcionam. Um dos professores disse que as pessoas que estão na cidade, trabalhando nas organizações indígenas, devem fazer ofício chamando as lideranças para conhecer o trabalho que é feito, pois assim eles vão parar de dizer que ninguém faz nada.

No curso de formação dos professores do Acre, percebi que a vida dos pa-

rentes é um pouco cruel, pois a perda da língua não vem de nada, tem sempre algum motivo para ela ser perdida. Eu também acompanhei as aulas em que ensinaram a fazer etnografia escolar.

Eu gostei muito de poder observar tanta coisa maravilhosa. O fortalecimento da educação diferenciada das escolas indígenas no Estado do Acre é muito grande. Na verdade, a educação continuada não pára nunca, porque eles vão atrás das coisas que eles sabem que é útil para suas comunidades. Os professores também devem estar ligados com o futuro das nossas comunidades. Lá no Acre eu vi que é muito importante que os professores também sejam pesquisadores sobre suas tradições.

Nós, índios, devemos aproveitar mais esses encontros, para ficarmos a par de tudo que acontece no mundo. Tudo que sabemos é somente deste mundo de Macapá, precisamos aprender mais com outras experiências. Nós também devemos ser mais respeitados pelas autoridades.

# ASCOYAC: Associação da Comunidade Yaminawa do Alto Acre



Reunião de fundação da ASCOYAC; à direita, Júlio Yaminawa

*Ewe kaiwu wawe, e batu du, du kedede shuikai, e kedea ma uwinu, nu txai baxta ke nu tsai ixara kui pana, adus nu ikaba, nu bai wetsa adu ika, askata a shukusba, nu shuka wetsa, ewe yura tishu, aska washu dukuya batu itxana vapana, nadus nu inu.*

*Ana waxta batu yuwi bakai.*

Parentes das outras etnias que lerem o jornal Yuimakî, quero colocar o meu ponto de vista com relação a nós, povo Yaminawa. O povo Yaminawa vem sofrendo uma imagem negativa dentro da sociedade *dawa* por alguns parentes Yaminawa que comentem problemas na sociedade. Quando um faz, todos pegam o nome. Mas dos anos 90 pra cá, o povo Yaminawa começou a sentir e perceber que a vida de hoje não é como era de primeiro. A vida de hoje é totalmente diferente, é preciso ter melhor comunicação, melhores parceiros, e ser comunidade organizada.

A Terra Indígena Cabeceira do Rio Acre, com a extensão de 76.630 hectares, pertence ao povo Yaminawa, incluindo parentes Manchineri.

É uma terra indígena demarcada. Quem vai subindo o rio Acre, fica à direita do rio; à esquerda fica a reserva indígena do Peru. Na TI Cabeceira do Rio Acre se encontram quatro aldeias formadas pelos Yaminawa: São Lourenço, Ananai, Três Cachoeira, Igarapé do Pato. Cada uma das aldeias possui seus membros: liderança, professor, agente de saúde, agente agro-florestal e demais membros tradicionais que fazem outros trabalhos na comunidade.

Hoje sabemos que a sobrevivência na aldeia não é tão fácil como no passado. Hoje, nós povos indígenas, nos preocupamos com várias atividades, além da saúde - que é o primeiro lugar - e a educação. Também sabemos que a comunidade organizada faz as coisas acontecer e consegue ver com clareza. Hoje, os Yaminawa estão com a sua organização (OCAEJ) criada, fazendo o trabalho de acordo com a necessidade da comunidade de cada terra indígena.

Além da organização, recentemente foi criada uma associação na TI Cabeceira do Rio Acre, a Associação da Comunidade Yaminawa do Alto Acre - ASCOYAC. Ela foi criada com a finalidade de defender o interesse dos Yaminawa, além de incentivar no conhecimento tradicional e na busca de parceiros que queiram nos ajudar a nos organizar. Outras organizações indígenas do estado do Acre que queiram compartilhar com os Yaminawa os conhecimentos de suas comunidades, agradecemos de coração. Venham conhecer a festa e cultura yaminawa da TI Cabeceira do Acre. Esperamos você!

♦ Julio Isudawa Raimundo Yaminawa  
TI Cabeceira do Rio Acre



Aldeia Ananai, TI Cabeceira do Rio Acre



▣ Escola da Aldeia Apiwtxa, TI Rio Amônea

# A Pesquisa da Língua Própria

A pesquisa da língua asheníka é muito importante. Tem objetivos muito maiores e interminativos. Foram pensados vários objetivos e vários aspectos. A pesquisa da língua é algo fundamental para o desenvolvimento, fortalecimento e enriquecimento da escrita da língua. Ortografias próprias e ritmos das letras ou das falas e significados e pronúncias corretas, como a falada pelo povo original. É assim que os professores e os alunos das escolas podemos desenvolver melhor a questão da escrita na língua própria, conhecendo melhor o funcionamento das palavras, as regras e estruturas das palavras e das letras.

Além da pesquisa, também vai servir para muitas coisas. Foi pensado na publicação de materiais didáticos, o que poderá melhorar o ensino e a aprendizagem da escrita na língua própria. Porque é uma prioridade da comunidade e necessidade dos professores. O material vai servir para muito mais coisas, como ferramenta de trabalho e instrumento da escola e armamento dos alunos, como desenvolvimento para o futuro de sua vida e seu povo. É importante ter nosso próprio material e específico do povo. Porque é necessário para nós, fundamental para o nosso trabalho da escola, como professor de escrita e de leituras. Vai servir para todo mundo, para todos nós: escola, professores e alunos também. Se eles querem conhecer melhor, consultar, identificar ou refletir mais, interpretar ou tirar algumas

dúvidas sobre o conhecimento da escrita da língua própria. E também para as demais pessoas que querem conhecer o nosso trabalho e a nossa língua original.

Os materiais tratam de uma série de questões, várias áreas de conhecimento. De sabedorias tradicionais a resistências sociais e econômicas. Porque incluem e envolvem todos os conhecimentos, só não entram os segredos e nem os poderes espirituais. Eles incluem economia, agricultura, identidades, cultura, língua, saúde, educação, histó-

ria, ciência do meio ambiente, convivências sociais e humanas, etc...

Então, o sentido verdadeiro é isso:

- ensino oral ou ensino na fala: conversar, falar.
- ensino prático ou ensino nos olhos: ver, conhecer
- ensino da escrita ou ensino da letra: leituras ou teorias.

◆ *Komāyari Ashenika*  
TI Rio Amônea

## PAMINERO IRÔYAKA:

Hewatsirori (verbo) irootaki ātsirori maawoni aririka ātayeteri, akātayeteni eehatsi akēkithayeteni. Oitarika akowiri, oitarika ayiiri, oitarika akowiri, oitarikaa akēkithateri, oitarika akēkithashireeri,

oitarika apāpoyakoteri, oitarika apāpoyaakotsiri, oitarika awisatsini, oitarika awisatsiri, oitarika awishimotairi, iotarikaa kōyaatsimotairi, oitarika āyeeri, oitarika āyaiiri, hīperika-paini eehatsi otsipapaini.



# Carta aos Professores do Acre

Brasília, 26 de junho de 2006

Prezados professores indígenas do Acre,

É com grande alegria que aproveito essa oportunidade de escrever para todos os leitores do Yuimakî, em especial para os professores e professoras indígenas do Acre.

Em primeiro lugar, é preciso agradecer a cada um de vocês pelas boas notícias, bons exemplos e boas práticas que sempre nos chegam aqui, vindas do Acre. Vocês e todos os leitores do Yuimakî devem saber que o Brasil inteiro vê com muito respeito e admiração o trabalho que os professores indígenas realizam nas aldeias do Acre. É preciso dizer que todas as vezes que o Ministério da Educação precisa dar um bom exemplo de educação escolar indígena o primeiro nome que vem à nossa cabeça é o do Acre, das escolas indígenas no estado do Acre. Vocês, suas escolas, suas pesquisas, seus materiais didáticos, são uma referência importante para todos nesse nosso Brasil.

Falando um pouco do nosso trabalho aqui no MEC, na Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena, acredito que é importante comunicar a todos quais são as nossas principais ações nesse momento em que entramos nos últimos seis meses de governo.

Como todos devem saber, está funcionando no Ministério da Educação uma secretaria voltada para a promoção de políticas educacionais que valorizem a imensa riqueza sociocultural de nosso país. Esta secretaria tem o nome de Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD. É no interior desta secretaria que funciona a nossa Coordenação Geral.

Nosso principal desafio é promover a formação de professores indígenas em cursos universitários. São os cursos de Licenciatura para a formação específica de Professores Indígenas. Estes cursos universitários são também chamados de Licenciaturas Interculturais. São estes cursos que formarão com qualidade os professores indígenas para a oferta de 5ª. a 8ª. série e para o Ensino Médio nas escolas indígenas. Temos a alegria de dizer que a Universidade Federal de Minas Gerais, a Universidade Federal de Roraima, a Universidade do Estado do Mato Grosso e a Universidade Estadual do Amazonas já oferecem esta licenciatura para mais de 880 professores indígenas. O MEC está apoiando a abertura de novos cursos em todos o País. Esperamos ter em funcionamento, no ano que vem, pelo menos mais quatro cursos de Licenciatura Intercultural – um deles pode ser no Acre!

Uma segunda ação muito importante é a produção de livros e outros materiais específicos para uso nas escolas indígenas. O MEC criou uma Comissão de Apoio à Produção de Material Didático Específico – CAPEMA. Esta comissão composta por especialistas indígenas e não indígenas de todo o Brasil aprovou cinquenta novos projetos, muitos deles já em execução.

É importante também apoiar o esforço das secretarias estaduais de educação na construção de novas escolas indígenas. Para isso o MEC destinou em 2005 mais de dezoito milhões de reais que podem viabilizar a construção de mais de 350 escolas, algumas delas no Acre.

Outro grande esforço do MEC é para garantir a participação dos representantes e lideranças indígenas na formulação, implantação, execução e avaliação de todas as políticas de educação escolar indígena. Para que isto aconteça estamos propondo a todos os estados que criem, em diálogo com as organizações e comunidades indígenas, o Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena. Já existem conselhos assim nos estados do Amazonas, Mato Grosso, Pernambuco e Tocantins. Estamos às ordens de vocês, professores indígenas, para ajudar a criar este órgão também no Acre.

Teria muito a dizer para cada professor das escolas indígenas no Acre, mas o principal não é registrar a nossa opinião e sim ouvir o que vocês têm a contar, propor, perguntar e cobrar. Por isso lembro a todos que a Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena da SECAD/MEC está à disposição de vocês.

Um grande abraço,

Kleber Gesteira Matos / SECAD – MEC



☐ Kleber Gesteira e professores indígenas durante o XVI Curso de Formação

# A Educação Escolar Intercâmbio Iepé/ OPIAC

## O COMEÇO DA ESCOLA

Boa tarde meus parentes. Nós viemos de muito longe para conhecer vocês, nós somos Wajãpi do Amapá. A população wajãpi é de aproximadamente 800 pessoas, a nossa terra já foi demarcada, com 607.000 hectares. Nós temos 47 aldeias espalhadas pela nossa terra e ocupando os limites dela.

Nós somos 10 professores Wajãpi da primeira turma. Então, eu queria contar um pouco, como foi que a nossa escola começou. A escola começou a funcionar em 1988. A escola funcionava com a Funai e com os missionários também; em uma aldeia trabalhava a Funai e na outra aldeia trabalhava a Missão.

Só que os professores da Funai não trabalhavam direito, só ficavam 15 dias e depois voltavam pra cidade, porque não estavam acostumados a ficar na nossa aldeia. Aí o estudo nosso estava indo devagar. A Funai passou a educação pro NEI (Núcleo de Educação Indígena) e, mesma coisa, não acostumavam trabalhar na nossa aldeia. Eles ficavam tristes, ficavam com saudade da cidade, porque lá na aldeia não tem televisão, por isso diziam que não estavam acostumando. Eles iam embora e voltavam depois de cinco meses e a gente ficava esperando na aldeia, por isso o nosso estudo estava indo

devagar. As lideranças indígenas Wajãpi conversaram entre eles e com uma antropóloga que nós temos, que pesquisa sobre a nossa cultura e que fala na nossa língua. Se o Wajãpi mesmo fosse professor, não ia ficar saindo, ia ficar na aldeia dando aula. Foi essa a preocupação dos caciques.

Em 1994 foi criada a nossa organização 'Apina'. Apina era o nome de um guerreiro Wajãpi antigo que flechava muito longe, por isso que nós colocamos o nome dele na nossa organização. Então, os caciques começaram a lutar sobre a educação, a terra, a saúde. Até que um dia nós fizemos um projeto e os nossos parceiros que nos apoiaram foi a Rainforest da Noruega. Com o apoio da Noruega, nós fizemos o curso de formação; a primeira turma somos nós, 10 professores que fizemos o curso. Em 1992 nós começamos o curso e em 1998 nós começamos o curso de magistério indígena, com várias disciplinas como português, língua wajãpi, matemática, história e geografia, ciências naturais, metodologia de ensino de línguas, etc. Nós fizemos o curso e quando chegamos na aldeia nós começamos a dar aula para nossas crianças. Nós ensinamos a própria nossa língua mesmo, alfabetizando, e tinha também o professor não indígena. Nós trabalhávamos assim: depois que nós alfabetizávamos o aluno, passava para o português; quando o aluno era mais adiantado e a

gente não conseguia ensinar, passava pro professor não índio.

## O PROGRAMA WAJÃPI

Dentro da nossa organização, nós tivemos muita discussão pra ver como melhorar a nossa educação. Junto com o pessoal do Iepé, que naquele tempo fazia parte do CTI, nós criamos o 'Programa Wajãpi'.

Nós discutimos dentro do Programa Wajãpi também sobre a cultura. A nossa cultura é forte, mas nós percebemos que o nosso conhecimento e a nossa língua estão começando a pegar "microbiozinho". Até os velhos estão percebendo. Por exemplo, atualmente, os jovens estudantes dizem que querem morar na cidade. Alguns jovens falam que não é bom na aldeia porque tem que se movimentar pra conseguir caça, pra conseguir alimentação; na cidade a gente tem dinheiro, faz compras. Como nós somos professores, fizemos uma reunião pra discutir isso. Nós achamos que não é bom pra gente - pra nós, indígenas -, é bom pra não indígena.

Os jovens estão começando a pegar mais preconceito dos não índios. Por exemplo, têm alguns técnicos de enfermagem e enfermeiros que trabalham com a gente e às vezes falam assim: "Seu cabeludo, igual mulher, porque não corta o cabelo? Se você cortar o cabelo vai ficar bonito". Aí o Wajãpi fica com vergonha: "Então vou cortar o cabelo." E para nós não importa se o nosso nome termina com 'a', porque tem nome wajãpi que termina com 'a'. Às vezes, o técnico de enfermagem fala assim: "Por que o teu nome termina com 'a'? Eu acho que seu pai colocou errado o seu nome, porque termina com 'a', você não é mulher, era pro seu nome terminar com 'o'." Aí o estudante fica com vergonha: "Vou mudar o meu nome". Por exemplo, 'Patena', aí o estudante coloca no final: 'Pateno', porque fica com vergonha. E assim está acontecendo muito, os estudantes estão pegando os preconceitos dos não indígenas. Às



☐ Escola wajãpi

# Wajãpi

## (RCA-Brasil)

vezes, quando uma mulher vai levar o filho doente, com curuba, na farmácia da aldeia ou da cidade, eles dizem: “É porque você está usando urucum, é o urucum que faz mal pra sua filha, agora você não pode usar mais...”.

Nós, professores, já estamos começando a nos preocupar sobre isso, sobre nosso conhecimento, pra não perder nossa cultura e pra não perder nossa língua. Nós queremos fortalecer a nossa língua wajãpi. Então, nós produzimos livros pra nossas escolas, próprio na nossa língua mesmo, pros alunos lerem. A gente trabalha assim: a língua de instrução que nós usamos pra ensinar nossos alunos é a língua wajãpi; a gente explica o conhecimento dos não indígenas com a nossa língua wajãpi. A gente usa só um pouco de português, porque se a gente explicar só em português, o aluno não vai entender. Nós já começamos a produzir também livros sobre história e geografia, na própria nossa língua mesmo. Porque nós temos nossa história, nós temos geografia também, não somente branco tem conhecimento. Nós alfabetizamos nossos alunos na nossa língua materna; nós não ensinamos os alunos a falar, nós ensinamos como é que a gente escreve a nossa língua. O aluno tem que aprender a ler em nossa língua, a criar frases, a fazer histórias – tudo isso a gente ensina aos nossos alunos.

Nós não trabalhamos somente nas cinco “aldeias centrais”, onde o governo construiu escolas e postos de saúde. Como a nossa terra já foi demarcada, nós temos aldeias pequenas nos limites, para fazer a vigilância. Se a gente quiser levar nossos alunos pra lá, pra uma aldeia nova, é fácil, porque não é a escola que ensina os alunos, é o professor que trabalha. Então, o professor leva seus alunos e às vezes fica dois ou cinco meses, depois volta novamente, traz os alunos de volta, e assim vai indo.

### A PROPOSTA CURRICULAR

Nós também trabalhamos com a ‘proposta curricular’: como a nossa escola tem que funcionar? A Secretaria



▣ Makaratu e Seki Wajãpi, Ibã Kaxinawá e Silvia Cunha no Centro de Formação dos Povos da Floresta

queria contratar uma empresa pra fazer a proposta curricular da escola wajãpi, mas nós discutimos que não é bom isso, nós temos que fazer nós mesmos e com apoio dos nossos assessores. Antes não tinha ‘proposta curricular’, mas mesmo assim nós estávamos trabalhando. Agora nós já terminamos uma parte, a proposta curricular de 1ª a 4ª série, são cinco disciplinas. Na primeira etapa, as disciplinas são língua wajãpi e matemática. Só lá pra quarta etapa que vem língua portuguesa. Na sexta etapa o aluno vai começar a entrar nos estudos sociais e ciências naturais. Dentro da proposta curricular, nós definimos que a idade para entrar na escola é seis ou sete anos. Com quatro ou cinco anos é difícil porque o aluno dessa idade só quer brincar.

Em português, nós produzimos também um livro pra ensinar nossos alunos. O primeiro volume é só português oral mesmo, pro aluno treinar a falar, aprender a cumprimentar. Nesse livro nós colocamos as situações onde a gente usa muito o português, por exemplo, quando a pessoa está doente e vai lá pra Macapá, ou pra falar com o professor não-índio, pra conversar com não indígena. No final do livro, lá pra décima etapa, é que tem português escrito também. No português oral nós vamos tra-

balhar com gravador; na fita vai ter uma pessoa falando, cumprimentando. O aluno tem que prestar bem atenção, depois o professor vai pedir pra ele repetir, e assim vai indo.

Na proposta curricular wajãpi, nós garantimos doze dias de aula por mês. Antes eram vinte dias de aulas, depois dezoito, quinze dias. Nós pensamos e diminuimos porque alguns professores não conseguem dar aula vinte dias. Porque pra nós, indígenas, é muita coisa pra fazer: alimentação não vem pra gente, tem que fazer roça no verão, tem que sair pra pescar, ajudar sogro, ajudar pai, construir casa, fazer artesanato... Por causa de tudo isso nós diminuimos os dias de aula. E agora nós avaliamos que está funcionando bem. É no mínimo doze dias que tem que dar aula, dez ou sete dias não pode, não. Mas se o professor quiser dar mais, quinze ou vinte dias, também pode. Isto é bom pra gente porque o aluno não fica somente na escola. Depois que o aluno completou os 12 dias de aula, os pais levam pro mato, pra conhecer, pra aprender a caçar, contar história, conhecer o nome das árvores. É assim que é a nossa escola. Logo nós vamos discutir também sobre a proposta curricular de 5ª a 8ª série. Nós também estamos discutindo sobre como vai ser o terceiro grau indígena.

◆ Depoimento dos professores Makaratu e Seki Wajãpi

# Nukũ tsãy shawãdawa

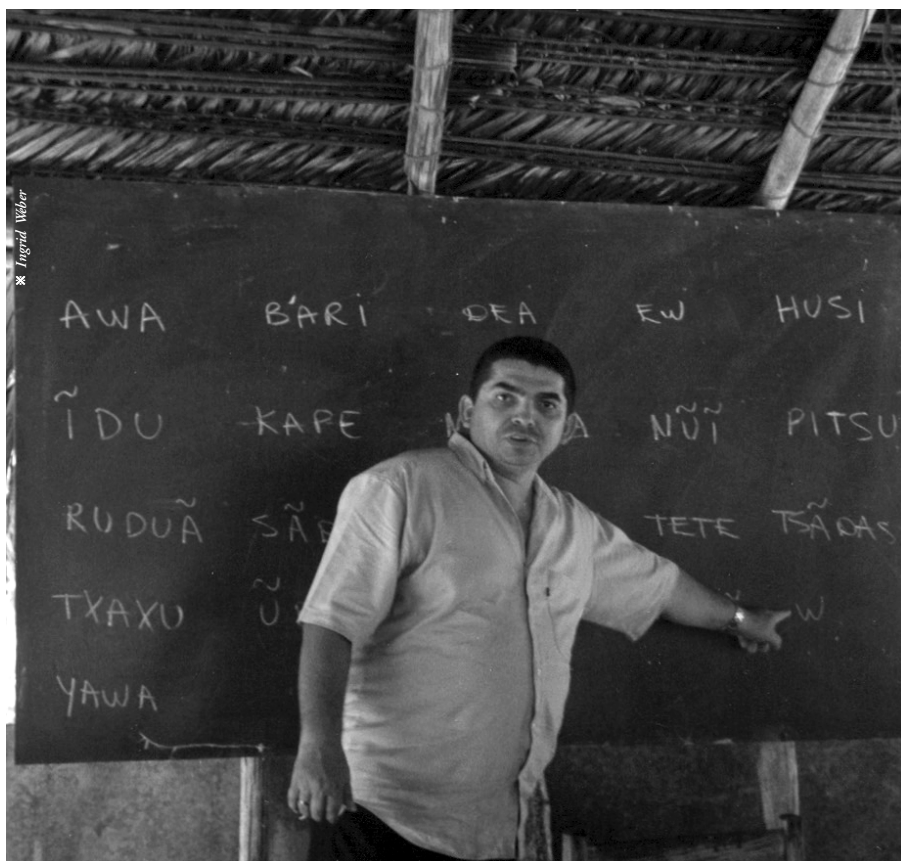
## Oficina na terra indígena

Do dia 12 até o dia 17 de dezembro de 2005 aconteceu na referida aldeia Foz do Nilo uma oficina para fazer a cartilha shawãdawa. As pessoas que vieram fazer a oficina foram: Francisca Oliveira de Lima, professor Aldir Santos de Paula e professora Ingrid Weber junto com as comunidades arara das aldeias Foz do Nilo, Raimundo do Vale e Novo Acordo. Durante esses seis dias de trabalho houve vários discursos sobre a língua shawãdawa e nós também montamos um dicionário shawãdawa. Todos os dias, na abertura e no final da oficina, fazíamos uma bonita música juntos com o pajé e as demais pessoas.

O povo Arara já perdeu quase todos os costumes tradicionais, mas tem legítima certeza que com essa cartilha e o dicionário vão realizar todos as suas tradições. O povo Shawãdawa ficou muito feliz com a vinda dessas pessoas na aldeia. A comunidade arara também ajudou bastante nessa cartilha, principalmente os velhos. Os falantes estavam muito atentos nos trabalhos, gravaram histórias, músicas, e falaram na tradição. Com a presença das lideranças, realizamos a cartilha, fizemos vários desenhos e pinturas para os textos. Realizamos também o alfabeto shawãdawa para ensinar às crianças nas escolas.

Os índios agora estão tendo muito interesse com a tradição. Essa oficina foi muito boa porque só assim os Arara puderam descobrir toda a sua dificuldade de falar na língua shawãdawa. Para nós fazer isso, nós precisamos fazer pesquisas com os velhos para eles dizerem como é mesmo a palavra, se está certo ou errado. Os índios Arara Shawãdawa nunca esperavam ter uma oficina dessas na aldeia, para estar falando da tradição shawãdawa.

Agora, falta a gente fazer o que já foi falado durante a oficina, falta fazer o nosso trabalho nas escolas e nas casas de cada família. Porque se os pais ou



▣ Linguísta Aldir Santos de Paula na TI Arara do Igarapé Humaitá



▣ Cozinheiras e ajudantes da oficina na Aldeia Foz do Nilo

mães ensinassem seus filhos em casa, já é mais um passo que ele está dando para evitar tanta dificuldade na escola, porque já sabe um pouquinho que aprendeu na sua casa. Tanto vai do interesse do pai e da mãe como dos filhos também, de perguntar como é a coisa e de estar falando no dia-à-dia com as pessoas. Os adultos também podem estar falando com os outros na *ãda shawã*, porque se nós fizemos isso, as crianças vão vendo e já vão falando com as outras crianças. Essa oficina foi um exemplo para nós Shawãdawa, agora nós temos que botar em prática.

♦ José Lima de Souza Shawãdawa  
TI Anara do Igarapé Humaitá



### RÛDUÃ

Rũdu iũida mixĩ rae vãbisi raeshũ atxĩbisi. Rũduã ãw kẽde kẽdeki ãw venepa vasi diãbisi. Rũduã dukushũ duvetatĩbu dasa ayãbisi. Rũduã dukushũ ãw kãdishara dukuy ismãbisi isbãshu nũ tapinũ.

### JIBÓIA

A Jibóia atrai qualquer bicho para perto, para ela pegar e comer. Em cima da malha da jibóia os pajés gostam de estar fazendo suas músicas. Quando tomamos o suco da verdade, a jibóia se transforma em pessoa e ensina toda medicina para nós. Ela mostra toda malha do corpo dela para nós aprendermos a desenhar.

# O Ritmo de antigamente

Minha preocupação é ensinar minhas criançadas e jovens. Há tempos que a gente vem falando sobre isso, está com mais de ano que estamos batalhando. Mas tudo tem o dia e a hora. Ou tarde, ou cedo, mas um dia acha. Pro homem não tem nada difícil, depende da pessoa.

Mas o importante é a gente ensinar nossas criançadas o mesmo ritmo que nós fazíamos antigamente. Se é pra voltar a cultura, tradição, nós vamos voltar o nosso costume. Precisamos colocar na cartilha tudo isso: os medicamentos, o respeito e as comidas. Porque não eram todas as comidas que nossos parentes comiam antigamente. A mulher buchuda não comia ova nenhuma pra criança não nascer com tumor na cabeça. Não se comia fígado de jacaré nem de jabuti, pra não quebrar os dentes. Hoje não tem mais resguardo, por causa disso nossas crianças vivem adoentadas. E tudo isso nós precisamos colocar nas cartilhas pra continuar novamente.

Antigamente, quando os homens iam limpar os roçados, as mulheres também iam. Era tudo misturado: os homens cavavam milho, ou a roça, e as mulhe-



▣ Dona Redonda e Francisco Nogueira gravando histórias

res plantavam. Mas as bananeiras, só quem plantava eram os homens, porque tem uma história que diz que a mulher não pode plantar banana. A mulher plantando banana, ela fica rachada. E se é o homem não, fica uma banana muito boa. Hoje, no ritmo que nós estamos, é difícil as mulheres ajudarem os maridos, só

as mais idosas que vão. As mais novas não vão, porque às vezes têm muitos filhos. E antigamente, depois que as mulheres tinham dois ou três filhos, faziam remédio pra não ter mais, ficava nova e podia ajudar o marido. Hoje está tudo diferenciado.

♦ Depoimento de Francisco Nogueira Shawãdawa

# Nukũ mae

Haskakinã na kenekinã na, nukũ mae hanushũ dasibis na nuku huni kuĩ yusinã, xarabu nukũ ni ibu xarabu, na dauyabu, na habia nuku nabu betsa xarabu. Mae betsa tibi, nũ hiwe kakeabu hanushũ nuku kunã tã itxashũ.

Na una uĩ ki na daya nukũ mae merãna hãtxati xinã tã bia maburã pe haira ã uĩ yai eanã na nukũ shanẽ ibu xarabu ã hatuki xinã benimai hai rai nukũ coor-

denaço na mae kiri inũ na nukũ daya kiri habuã nuku tsumashua nã.

Haskaya habu tibi ma axiãburã na mae, uku merãnã una shubu na hiwe hanu ushati xarabu, na hanushũ nukũ una nũ keneibu beri beri ati nuku tsaũshũkĩ, hanushũ ha nukũ ‘organizaço’. Nuku ashũabu CPI besti (pai manũs na OPIAC hanukũ daya huni yusinã bunã, na AMAIAC. Ni ibubuna

tetxiki ma dabe inũ besti itani haskakenã ha daya xarabu itãkina ma tsuma pewa kanikiki.

Haskakẽ na uniri habu tibi ana nuku tetxi shunabu pea dakarã na hawẽ hãtxati nuku tsaũ shũ kĩ na bĩ usha ti anu nuku ashuãbu, pea daka besti ã uĩ yai haska beste ã uĩ yaĩ nã.

♦ Prof. José Paulo Alfredo Mana Kaxinawã/ TI Rio Breu

# Nwiwaka Popi Manchineri

Xawakni nunkakletanru papirana pamhalkaka rawa kasruklewaklerune. Kamhajtlu tsru hethawaka (Rio Branco) tshinikowaka satu yokanatashiri yine tshinanu. Wale hiwakni payri-ya Comissão Pró-Índio hakru hajeru seyini kakoje-nerune hethajeta. (Kaxinawa, Shawãdawa, Jaminawa, Apurinã, Yawanawa, Ashaninka, Manchineri.). Hiyrunu wane pnute hepi mapa poprololu

mhale hyinuwaka kamhakotatka kasruklewaklerune ptohi yine hakru hwatshine. Mitshikananu Ahaninkaneru yokanatlu tiyiro hislahatshiri, yonawahlo tsonuko yonatatshiri. Hiykolawatatshiri hetatshiri yokanatashiri wane knute jihlokatnaka kaxinawa-neru wale hiwakni (Joaquim Manã Kaxinawã) (Tshru). Tsru yokanatashiri pamhalkaka tsru. Hapatjeru hkawhajeta kasruklewa

klerune ptohi yine pnu-pejnu poktshi hyana wanekui. Repixkajyama spinikantshi-ya hethalu yehi-ya hkamhajexika hixkakluko ka pimrine tsru. Yokanatashrine-yura wane-pnute koxa payri yonawahlewjixiriro wyotnetatka xawakni. Hixa ptowrunekuru seyoka wale pirana tsonu nunkakleta.

♦ Nwiwaka Popi Manchineri

# Ëwe Yurahãũ...

Ë na wixay matu yui pay, ã nawa mera ui tamea. Ë isĩ teney ushĩã, ãhĩ nawa merashe, ã ɛresti raka. Ë matu rarumay, nuke may xinãkĩ, nuke yurahu xinãkĩ, nuke saiti xinãkĩ, nuke mahuhu xara, xinãkĩ. Ë nawa mẽra yhiashẽ ãwe xinã nuke yurahãũ xinã kiri. Ë matu yui pay, ã nawa mera wixi tapĩ kĩ sawakĩ, ãwe xinãma matu xinãki. Uĩpũ nukẽ epa wetsa Nixiwaka Tashkã Peshahu vetã nawa mera wixi tapĩni, kashe nikuni nikuni nuke ykĩ paykĩ nuke mahuhu xara vetxishũ paykĩ, nawa venapahu tsãiki, nawa pey anuri nuke vetxishũ paykĩ. Nũ nawa merashe yura wetsa nuke tsãĩ ikikĩ, nawa nuke umisipãnã nũ awesarahia pãnã. Nũ nuke vene rave xinãki ã matu yui shupay nikawẽ ãhĩ mani wetsa uĩtamea avirasi txaka iaynũ atũ tsãy venukĩ, aska uĩtamẽa, ã xinãki ãwẽ yurahãũ askay yamay hã



▣ Sandra Yawanawã na sede da Comissão Pró-Índio do Acre

mahu wetsa matu yui pay ehĩ na CPI meraki, ã rayai ninuahu yurahu uĩti xarahu. Askanuwẽ ã na wetsi matu yui pay, ãhĩ matũve tapĩpaykĩ ãhi aweama nukẽ mahuhu kayahã tapĩãma,

nukẽ anihuhu yukakĩ nũ tapĩtirukĩ ã na westysi matu yuipai, askanũkãwẽ.

♦ Sandra Seyã Yawanawã  
Comissão Pró Índio do Acre

# Proteção Transfronteiriça da Serra do Divisor e Alto Juruá (Brasil – Peru)

## Movimento Indígena do Alto Juruá

Na Terra Indígena Poyanawá, Aldeia Barão, entre os dias 23 e 24 de fevereiro de 2006, estiveram reunidos 29 representantes indígenas, de 12 terras indígenas, 8 etnias, e 21 organizações indígenas regionais e de categoria. Também estiveram presentes indígenas que ocupam cargos públicos governamentais (estadual, federal e municipal) e um parlamentar indígena. Além desses, uma organização indígena peruana - Federación de Comunidades Nativas del Purus (FECONAPU) -, que esteve presente a convite da Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas do Acre (SEPI). A reunião foi promovida pela Organização dos Povos Indígenas do Vale do Juruá (OPIRJ), AAPBI, OPI-AC e AMAAI-AC, e apoiada pela CPI/AC, TNC e Fundação Moore.

Este foi um encontro preparatório para o Grupo de Trabalho Transfronteiriço (GTT), cujo objetivo foi discutir o contexto atual da proteção e conservação da biodiversidade da Serra do Divisor e Alto Juruá, a participação indígena em uma agenda comum articulada entre os Movimentos Indígenas do Acre e Ucayali, e também a participação indígena no Fórum de Integração Acre/Ucayali a ser criado. Todos participantes tomaram conhecimento do conteúdo do documento produzido no IV Encontro do Grupo de Trabalho Para Proteção Transfronteiriça da Serra do Divisor e Alto Juruá (Brasil - Peru), realizado na Aldeia Apiwtxa, em setembro de 2005, e apoiaram e ratificaram as suas decisões e compromissos.

Durante o encontro, cada terra indígena realizou um diagnóstico socioambiental dos seus territórios e entorno, bem como idealizou encaminhamentos para a solução de seus problemas. A partir destas informações, foram debatidas e sugeridas algumas recomendações para o GTT, apresentadas a seguir.



☒ Benki Ashaninka, Luis Nukini, Wayo Ashaninkae Flávio Kontanawa (Aldeia Barão, TI Poyanawa)

### Recomendações às organizações indígenas e poder público brasileiro

- ☉ Comunidades indígenas organizadas e mobilizadas para as atividades de vigilância e fiscalização. Algumas já possuem projetos específicos para a proteção dos territórios (Arara do Humaitá, Poyanawá e OPIRJ);
- ☉ Proibição da implantação de projetos de assentamento do INCRA no entorno das terras indígenas, visto que todas as terras indígenas que possuem assentamentos no seu entorno manifestaram possuir graves problemas ambientais, como as invasões para a retirada de recursos naturais de dentro das terras indígenas;
- ☉ Supressão da abertura de estradas e ramais dentro e no entorno das terras indígenas;
- ☉ Criação de uma área de amortecimento no entorno das terras indígenas;
- ☉ Atuação permanente dos órgãos de proteção das terras indígenas nos territórios e no seu entorno;
- ☉ Promoção de reuniões de articulação dos órgãos de fiscalização com a população do entorno visando a proteção das terras indígenas;
- ☉ Promoção, através do INCRA e outros órgãos, de oficinas de gestão ambiental para as populações do entorno;
- ☉ Implementação de criatórios de pequenos animais e piscicultura para as populações do entorno, dos assentamentos, como forma de coibir as invasões;
- ☉ O INCRA deve apoiar a organização e implementação de planos de gestão ambiental nos assentamentos;
- ☉ Apoio com materiais e equipamentos de vigilância e fiscalização para as terras indígenas

# Educação Ambiental

Eu sou um agente agroflorestal da Terra Indígena Kaxinawá do Rio Humaitá e atualmente represento a Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (AMAAIAC), como presidente da associação. Então, eu vou falar um pouco sobre a 'educação ambiental', o que é a educação ambiental no meu entendimento como um agente agroflorestal indígena aqui do estado Acre.

Educação ambiental é tudo o que está relacionado ao nosso desenvolvimento. Desde a primeira geração, ou

seja, desde o Tempo da Maloca, nós já trabalhamos com a Legislação Ambiental, mas em outro contexto, baseado na realidade tradicional. Por exemplo, quando uma família tem criança nova, durante algum tempo, não é permitido comer certos tipos de animais como quati-puru, mutum, nambu preta, etc. Hoje, tudo está ligado à educação ambiental, desde o nosso modo de sobrevivência na aldeia.

Atualmente, nós estamos trabalhando com o Plano de Gestão Ambiental e Territorial das nossas terras indígenas. O 'Plano de Gestão' é fazer um planejamento de que forma a gente vai estar usando os nossos recursos naturais - a caça, a pesca e a flora -, para futuramente não prejudicar a sobrevivência das novas gerações, os nossos filhos, os nossos netos. É pra gente usar de uma forma que as caças não possam estar acabando. Dentro do 'Plano de Gestão', a gente colocou que um dos critérios é não estar judiando das caças que não são utilizadas para nada. Mas tem algumas coisas que estão relacionados aos nossos conhecimentos ancestrais, que fazem parte da nossa tradição como, por exemplo, o animal chamado preguiça. Se a gente encontra esse animal na mata,



▣ José Nilson Kaxinawá, coordenador da AMAAIAC

significa que ela está empanando a gente. Segundo a informação dos mais velhos, o certo é você bater nesse animal pra que ele não passe a sua energia negativa (panema e preguiça) para a pessoa. Então, tem muitas coisas que estão relacionadas com a nossa cultura. Está bem claro pra gente que tudo isso faz parte da educação ambiental.

Um tema também muito importante dentro da educação ambiental é o trabalho de 'etnomapeamento', que faz parte do processo de formação dos agentes agroflorestais. No trabalho de 'etnomapeamento', a gente vai estar discutindo sobre a gestão territorial e ambiental da terra indígena junto com as pessoas que estão na base, na comunidade.

Também, a questão do lixo faz parte da educação ambiental. Atualmente, nós estamos trabalhando nas nossas comunidades com o controle do lixo orgânico e não orgânico. O lixo orgânico, a gente está utilizando na própria aldeia, na alimentação dos animais. A gente está trabalhando com o repovoamento de tracajá, então o resto de comida que é considerado lixo orgânico, a gente está usando para a alimentação dos quelônios. O lixo não orgânico, a gente está or-

ganizando de uma forma que não possa estar poluindo a nossa aldeia. Como no caso da pilha, a gente já está levando direto pra cidade. Outros lixos como lata e plástico, aqueles que ainda estão bons para fazer o reaproveitamento, a gente está utilizando; os que não estão, a gente está queimando e enterrando.

Para mim, a educação ambiental também é estar trabalhando na discussão com os alunos nas escolas, porque hoje a gente tem bem claro que chegando uma informação da educação

ambiental dentro de uma comunidade, as pessoas mais idosas sentem um choque muito forte, porque eles não estão acostumados com aquilo. Então, para nós, o ideal é trabalhar com as crianças, porque são pessoas da última geração, elas têm uma consciência muito mais diferente.

A educação ambiental é a pessoa estar trabalhando como educador mesmo, com as crianças, com os adultos, com as mulheres, com a população em geral. E no nosso trabalho como agente agroflorestal, estamos trabalhando não só dentro das nossas terras, mas também com os nossos vizinhos do entorno, de como eles estão utilizando os seus recursos e de que forma eles também estão pensando para as novas gerações. Porque é muito importante sempre estar envolvendo eles nas discussões sobre as políticas públicas para a melhoria da qualidade de vida da nossa sociedade.

Hoje nós temos que saber muito bem que precisamos trabalhar com os três tempos: o tempo do passado, do presente e do futuro. A educação ambiental vai estar servindo muito pro futuro.



# Kekitharetsi Ashi Ātami

Hiroka ātami asaykātari eero atxekiro, okātawakata hame awetsikero kametha irootake akowātawori kipatsi asaykātawo kamethaperoyni, apākiwa ytātxawo aririka pokiriaānake ari pamenakotanakero tsika okātakota irotake opoyātari it-simātari ikemetaka: yotātaneri, awitāneri, kepoyirori ātami, koraka ikene ayotaawakaya tsika akātero atsinātxaari atama atxekiro itxato, te ayotsiuro tsika oytaka saykatsiri itthomayki eewanatakawo oytarika payni ashi ayorikite, Pamenakoterotxa okemetaaka awitawotsi itxashi ashi mātsiyaretsi, atsikaytoretsishi okemetaka: shitsiroshi, oyeshi, parinariki, otsimatxe, oshekini tsiyaroshi oytarika payni, aririka athōkatakero ātxatomaashite hipe a-avyka āteri apāko oytarika āteyeteri, aaka koshitaxa te ayotero akepoyero oytaka tsimatsiri aypatsiteki, oshiyashitari etakātaworia payrani te riyotero ikepoyero itxatomashi hame irōyaaka eero atxekiro oytarika athoyetsiri

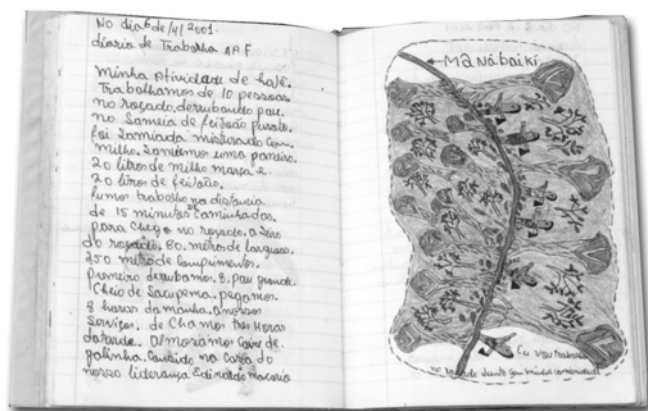


asheninka akāteri irōyaaka hame ātawaytātawo aypatsite kametha, hame āte owātsi apākite ayorikite okemetaka: sariyooki, maawiki, txooshiki, oytarika payni okaatsi ayorenka ashi aka, aye ātxaari oytarika payni, eero akātsi noyawakerita honaya hamitadotena, eero oyiri

hame ātawayte irotake ipātayrori kipatsi ātawaytātawo, ikātawetari asheninka pyni poowiritakena, pipoowiriti te pātawaytsi, oshekini naaweta koriki aaka koshitātxari te ayotero tsika oytaka tsiimatsiri aypatsiteki, hame ookero ātawaytsi-ro matxaakimashi, etakawo payrani ātsiro, te āyiro atsinātawo, irotāytsi athōkatakashitawo aypatsite atowiro itxato te irotake akowātaworia kipatsi atxekatekatero ātami iitaka opōyātari it-simātari kenpoyirori ātami ikātsiri wiraakotxa (AAFI) ikoyratatxero okemetaka, irōyaaka iyoshiitashita owātsi pooshi okatsini kipatsi, aririka athōkatakero, hinpe ra-ayri paata atomi, atxarine payni rāyātaiyaari paata ipāko, ipito irotake amitakotayri itxatomashi āyaātari hame apākiwayte ikene riyotay governo, oshekini kekitharetsi Ari okaatsi.

◆ Prof. Francisco Petxanka Wayo Ashenika  
TI Rio Bneu

## Diário de Trabalho



Eu vou resumir um questionário de minha autoria. Vou tentar resumir o que o projeto de formação de Agentes Agroflorestais Indígenas (CPI-AC) me deu. Primeira coisa, que hoje eu sou realizado, me sinto feliz. O incentivo pela terra é uma coisa que eu não penso em nenhum momento em sair dela. É aqui

me expressar. Às vezes eu tinha até vontade, mas achava que eu podia estar errado e que aquela pessoa era assim tão importante que eu não podia me expressar. Hoje não, hoje eu tenho a minha consciência. Se o projeto me ajudou? Eles têm paciência comigo, porque eu era todo bravo fora dessa organização.

que eu estou bem, meu paraíso é aqui. Eu não tinha essa participação. Eu conhecia o sítio, mas eu mesmo plantando, zelando, hoje já estou vendo frutos. Também ganhei consciência por muitas coisas que eu não tinha. Um exemplo? O direito de

Muitas coisas eu entendia e outras eu até criticava, eu era contra. Hoje sou um defensor. Este questionário foi de minha autoria com muita paciência por meu diário de trabalho.

Eu vou falar um pouco como é o trabalho do agente agroflorestal. Eu quero ajudar a minha comunidade. Primeiro, é muito difícil de trabalhar de agroflorestal, mas assim mesmo, devagar, quero aprender. Gosto de plantar, plantar frutas onde é capoeira, vamos plantar fruta. Com semente vamos plantar assim misturado, banana perto de roça e outras frutas. Fruta diferente que a gente não conhece, eu quero experimentar tudinho. Eu quero saber plantar árvore de pequenininho, fruta de semente de floresta, é assim o trabalho.

◆ Trecho do diário de trabalho do AAFI Devalni de  
Lima Poyanawa / TI Poyanawa

# Mae Betsa Unãtiwa TI Nukini

Shaba 31 ushe 03 bari 2006 Kuashka hairaki - yuitese ã wai. Ũi shãkawẽ. Ë nabũ. Habũ mã beru heneyatu nã. Ë eska daya tãxiãkirã. Na habianua 'sitio' anũa mekẽ beste yura nũ kaxiãkirã Ixã, Txanu, Tũũ, Busẽ, Metũ ha Manã shashuwẽ inatã. Nawa bube ukeri ha mae Cruzeiro do Sul nũ nuku xina ki isamema, inu txai Erison nukiniki. Nukuki nukuxina buki. Haskatã Manã shashuwẽ nũ kaxiãki. Mae Mãnicio Lima nũ nuku xinaki. Bari mana nabi dakatanayarã.

Hanu usha xina shaba primeiro de abril de 2006 ma nibi tsusitanaya. Nũ hanua kaxiãki. Hene Moa Manã kirirã. Ma bari kaya, nawã hiwe mae São Salvador nũ usha xinaki. Hanua shaba betsa nawa mabesh besti atã nũ kaxiãki manãki hene Moa, wena txai buberã. Hanua ma bari tashkekã kainaya, nũ nuku xinaki. Mae Aldeia Republica nurã. Haskaya liderança Zenaldo Nukini. Nukuki beni maxiãbuki hawe nabuberã.

Shaba 02/04/2006. Ikiskaya hawẽ niaibubu nuku uĩ makake xinanabuki. Nuku tũku txibã axi nabuki barikayara. Haskawatã mene – birã – naxitã. Nuku pimaxinabuki. Ha mene bawãnã nu yubaka xinabuki. Ha daya tanũ ika nũ kashurã.

Shaba 03 ushe 04 bari mekẽ besti besti sebianakawã naya nu teewa xina buki mae shane hanu hiwe pauni-bu. Inu hanu hiwe abu tewa birã xina buki nu kunabu nukini xarabũna:

33 yura nukini, 04 yura nukini, 02 yura nawa cpi – anuwa

Ixã, Isamema, há dayarã hariri hiwe katsi akake birãkĩnã. Mekẽ besti. Ana besti shabaki 08/04/2006 isa beru ki. Nũ mene xina buki. Hanus kaya hiwe abuma unu shanẽ betsa tibi ikaburã habiaskabiakẽ 658 yura hiwẽabu kiaki. Nukinikrã.

Shaba isa beruki 08/04/2006 sãbado ki. Há tishũ bukũs, nuku pimatã hamaki matxi mapekaĩ uĩ misbuki uĩ nu bukawẽ iwanã nuku iwexi nabuki manakirã 'fazendo visita' Parque Nacional da Serra do Divisor ma bari kaya unu ma kematũ nawa hiwe anu nũ

nukuxinabuki. Haskaya nawã hiwẽ ibuã nuku takara pima bawã nuku ushã xina ki. Haskaya Tupi 12 reais Mana kuxinaki.

Shaba bestsa 09/04/2006 domingo bari ma txaitanaya, nũ kaxiãki miserã, hene manakirã. Kai unu hanua pashku tashanu shashu babe kãti atã habiati manã tana kubaini unu nũ nukutã ã mae yukaxiaki xinã kaĩ makĩ inu pakarĩ ikirã nixi pae na huni meka rikabi mawatã yuxĩ nuku beriatã menetã burinãkawẽ iwanã nuku iwe xinabuki. Mekẽ dabe meke besti, dabe natxi nũ uĩshuki iwana. Ë xina baini, ana ua uĩ yakina nuku iweabu kaxuirãnu nukutã nũ naxixinaki haskatã ana manakiri bukawẽ iwana. Nuku iuwabu kai. Ana shashu ketiatã mapeke kanĩ kanũ naxiria xinaki haskatã, nũ hatube huxiãki, mairikirã. Ma bari ni mamaki dakatanaya nũ nukuxinaki maẽ Republica nurã. Haska xina shaba

10 de abril de 2006 segunda feira, ma bari pesheaya. Iri baũ dinakawẽ iwanã shashu dabekirani. Nũ huaya, bai putini habũã há mae. Uĩtatãmis nukuki nukushũ. Nũkũ mabu nuku uinã baĩ. Nabu hui, nũ nukuxinaki Mãnicio Lima, há nukutã nũtiratũ manaxina-

ki. Haskaya bari mekẽ dabe ana dabe itanaya. Txai Tupi, Pedro Nũkutã hamaki. Tua shekenãkawẽ iwanã, mekẽ besti bari ma itanaya. Hatube hui há Cruzeiro do Sul. Hotel Nawawẽ nuku imatuxi xiã buki. Habia nuri txai Marcelo Katukina ika. Nũ haki nũ nukuria xinaki, haska ixĩ, penaya.

Shaba 11/04/2006 – terça feira Há nuku mis mashũ nuku pimashũ, há daya akaibu hatu manai ibai, Bari mekẽ dabe itanaya. Hatube Manã shashuwẽ inatã. Hui nũ nuku xinaki hene hushuparã. Haskakirani 'sitio' nũ nukuarã, yusinã buki nũ nukutuxi xinaki Mana, Yube, ma unubutani ma nukuabukiaki nũ uĩ tuxi xinaki. Haska xina mekẽ besti, dabe besti shaba nitxĩxina na shabaki.

18/04/2006 terça feira mekẽ dabe shaba itanaya ã ea inu, metũ be ma nukũ hiwekiri ma nukai haskaya na dayarã nawa petxakamaki. Haskai mawa ã shunina xinaki hawawẽ, hui tsekatimarã. Há inu hawẽ yuxĩ biti inu mã ea dabewakirã ã mae hawẽ daya nũ ikairã hatis bestiki.

♦ AAFI João Pereira Txanu Kaxinawa  
TI Baixo Rio Jordão



▣ Jayme Maia e João Pereira Kaxinawá na Serra do Divisor

# Mudança de local da Aldeia Goiana



\* Aldenor Rodrigues Kaxinawá

Este era o campo de jogo da aldeia Goiana, Terra Indígena Praia do Carapanã, rio Tarauacá. Este campo foi usado de 2000 até 2004. Hoje não funciona mais, por motivo de que mudamos o local da aldeia. Então, este helicóptero pousou aqui neste campo por motivo de muita fumaça no ar, no verão de 2005. Pousou às 15:00hs da tarde e só foi embora no outro dia. Esta aldeia fica no centro da terra indígena.

Esta é a escola Maspã Kaxinawá, da Aldeia Goiana, onde trabalha *yusinã Bane*. Esta escola foi feita em 2001. Hoje não é mais o mesmo modelo. Ela está modificada por motivo de que nós mudamos a localidade da nossa aldeia, por motivo de um furo do rio.

♦ Aldenor Rodrigues Bane Kaxinawá  
TI Praia do Campanã



\* Aldenor Rodrigues Kaxinawá

## “Revelando os Brasis”

Eu vou contar um pouco do trabalho que fui fazer no Rio de Janeiro onde passei dez dias participando de um curso de formação de cinema. É um programa chamado “Revelando os Brasis” que lançou um edital para inscrição de pessoas de municípios com menos de vinte mil habitantes. De 870 inscritos foram selecionados 40 e eu fui um deles. Eu achei muito boa a formação de como fazer um documentário, tive vários professores ensinando ao mesmo tempo. Na verdade, eu acho que esse é um trabalho super importante para o nosso povo.

Eu vou produzir um filme sobre o meu pai, sobre a luta dele como professor indígena que conseguiu se formar no ‘terceiro grau indígena’ (UNEMAT). E através dele vou contar um pouco da história do nosso povo, o sofrimento no tempo do cativo, a vida cotidiana de uma aldeia. Eu acho isso super importante porque é uma forma de registro da nossa cultura, da nossa convivência, da memória do nosso povo. Porque o filme é uma forma de deixar registrado para as novas gerações verem como a gente vive, como a gente trabalha, como é a nossa história. Nesse momento, eu acho



\* Vinícius Canullo

▣ José de Lima Kaxinawá durante oficina do Vídeo nas Aldeias

muito bom a gente aproveitar os equipamentos, as tecnologias, para facilitar a transmissão das idéias que construímos. E mostrar isso pro Brasil e para o mundo, para quebrar esse pensamento dos *nawa* de que os índios são todos iguais.

É interessante que eu fui o único índio selecionado por esse projeto, e eu me senti muito sozinho. Mas ao mes-

mo tempo eu acho que a gente tem que superar, tem que enfrentar a dificuldade pra criar um espaço pra contar a nossa história também. Espero que dê tudo certo e que a gente consiga fazer outros filmes em diferentes terras indígenas do povo Huni Kuĩ.

♦ Depoimento de José de Lima Kaxinawá / TI  
Praia do Campanã

# Nokẽ Txirĩti

Nea hino china vari txinĩ nokẽ mai naki sho nokẽ CD shovima sho hayakĩ sivi filme shovi masho, nokẽ hachina. Dia 14 de julho txitxa sho, 6 de agosto nokokĩ havi china 2005. Nea meeiti vevo china nokẽ presidente vevo meeiti keyokĩ tara sho china.

Chere vevo aldeia tiikĩ hato keyo kĩ yowã sho, txirĩ ni voaivo hane keyokĩ kene sho, yara yai meeiki voaivo hanevo kene sho pari hachina. Chere keyokĩ meeiti tana china, yara me'e pitivo vevo sho china nii. Deshe pasho nokevo haska naweisho hato yowã china kako. Txano yara yai som neno ash me'ei china. Ea, Pedro, Sare, hoshonawã, mero câmera yara yasho filma china. Quatro aldeias keyo shovi wesi oĩna roapa ichina keyoska 40 noke nea wesiti



☐ Mulheres Katukina durante gravação de filme e CD na TI Campinas

naki ichina.

Nokẽ txirĩti naki hanõ roati nea rasi: mashes, nane, sêpa, teweti, pulseira, rani-maiti, yane sheti, piya. Aldeia Samaúma nama,

neavo tsĩka vender pai ki vai merai.

◆ Francisco Carneiro Teka Katukina  
TI Campinas

# Nukũ Dewe Nixi Paena Haũdua Ewawa

Enabũ; huxibũ, kukabũ, txabũ, epabũ, txipibũ, shanubũ, atxibũ, ewabũ, banubũ, Inanibũ, duabũ, inubũ. Nũ hunikuĩ itxapa hairabia hushupabu nukukĩ nuku itxakawa.

Nũ hetetibi (mae tibi) nũ shukua kakeni hiwea kakea hatiri matu uĩkĩ, hatiri ẽ matu uĩsmaki.

Nenu kene shabakabi ẽwai, mã beru keneya xarabuki uikĩ nukunabu habu beru keneuma txipu, habu beru kene-yabiranaibu hatu tapĩma birãkawẽ.

Na eskatiã bari dois mil seis. Ushe uyiã (março) huni yusinã xarabũ nukũ dewe nixi paena nũ CD waxinaki mae São Joaquiã nushunã haskawakĩ CD besitiwama nũ unawariai. Haskawakinã hunikuĩ yuraya namakia besti ashũama habia nũ hati hunikuĩ (kaxinawã) menikĩ ewawabirãti nũ axiãkirã.

Nukũ dewerã habianu nukũ hãtxa tatxariki. Habũ nukũ hatxa ma nũ benairã, ha dewe menitã mawa birãkĩ nukũ ikamestẽbu hiweakakeabuki hatu yukatã nukũ hãtxa menikĩ nu ewawabirãkĩ nukũ yurabu ha dama ibirãnaibu nũ hatu meniwabirãkirã.

Hushupã beya besti, txibãĩ ikama



☐ Kaxinawã do Jordão: Chaguinha Medeiros, Romão Sales e Miguel Macãrio

nukũ mimawa, nukũ hãtxa, beya xarabu, haũdua dakakiki hatxibãkĩ. Haũdua wari birãnãkawẽ.

Na eskawakinã kashekĩ ẽ akamaki uĩ dakawẽ. Nũ akũ kainai kiri xinãkĩ nukũ bakebu nukũ bababu xinã shunã kawẽ iwanã ẽ yui ikairã. Haskawama nukũ mimawa

nukũ hãtxa na beya xarabu haki kashekĩ nũ binu baĩ shurã unu bari binuku baini ikũ kaini kairã, nuku nabũ yui nũ hatu yuinakama tirukirã (shunimẽ, imakinã) hania ana nukũ beya bitimarã. Haskabesti ẽwayuirã.

◆ Yusinã Tãdeu Mateus (Siã)  
Huni Kui – Hene yumya namakia

# Projeto 'Tradições Musicais Kaxinawá'

Nós, povo Kaxinawá do Rio Jordão, estamos lançando o CD de músicas de cipó, *Huni Meka*, com os nossos velhos *txana*: Romão Sales *Tuĩ*, Miguel Macário e Agostinho *Muru*. Estamos realizando pesquisa de música do espírito da floresta, nós quatro professores pesquisadores: Ibã, Tadeu, Francisco das Chagas e Itsairu. Estamos construindo junto com artistas *txana* e jovens, homens e mulheres, na aldeia São Joaquim, com a participação de mais de 60 pessoas.

Este CD é para que todos os Kaxinawá se fortaleçam nas tradições e conhecimentos. Para os professores se desenvolver na sua comunidade e com os alunos em sala de aula. Companheiros, vamos valorizar nossa cultura, vamos equilibrar a cultura do *nawá*, va-

mos dar valor a nossa tradição! Quem não acredita e esquece sua tradição, o *nawá* continua sorrindo de nós e acaba roubando nossa razão e nós ficamos sem valor de ser índio. Vamos refletir e fazer respeitar nosso direito à diversidade e aos saberes indígenas na escola da floresta. Nosso direito, nosso respeito, nossa educação, quem trata e faz melhoria somos nós. Estou falando isso, os professores pesquisadores estão na comunidade pesquisando sua política lingüística na sua aldeia.

Vamos cuidar, se preocupar com nossas crianças, jovens e adultos, para no futuro não deixar a peteca cair e nem o Beleléu roubar a nossa língua! Vamos cuidar de valorizar nossa música *nixi pae*. Ele que nos trata e dá luz e ensina para nós. A nossa

música é uma única nossa força que representa e mostra raio de luz da natureza e que vivemos junto com ele até hoje. Terra é união. Língua é união. Vida é para todos. Nós, povo Kaxinawá estamos tendo nosso direito de usar nosso próprio conhecimento cotidiano para equilibrar os fatos de risco com a relação do mundo branco. Cada terra e cada comunidade deve pensar mais, valorizar a política lingüística para nossas crianças. Vamos usar música kaxinawá! Vamos ensinar falar língua kaxinawá! Vamos entender gramática kaxinawá! É vergonha nós perder tradição com a relação do branco. Quem não fala em *hãtsha kuĩ*, acorda, você está dormindo!

♦ José Mateus Itsairu Kaxinawá  
TI Rio Jordão



☐ Gravação dos cantos do *nixi pae*



☐ *Txipax haũdua*



☐ Equipe do projeto na Aldeia São Joaquim, TI Rio Jordão

# Lançamento da Coleção Caderno de Pesquisa

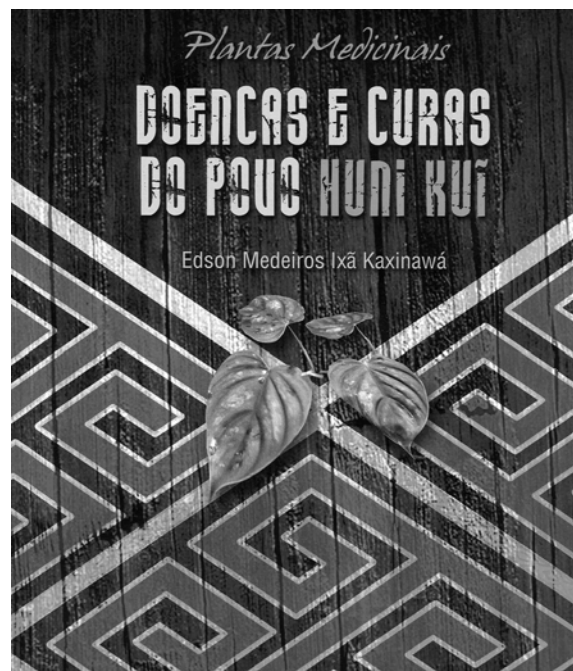
## Plantas Medicinais – Doenças e Curas do Povo Huni Kuĩ

*Edson Medeiros Ixã Kaxinawá*

Escolhi o tema porque no meu povo são poucos os velhos que mantêm o conhecimento sobre as plantas medicinais. Comecei fazendo um levantamento das doenças que atacam o ser humano e que são conhecidas pelo meu povo. Fui registrando os tipos de doenças que causam dor de cabeça, de ouvido, de olho, nariz, boca, garganta e pescoço. Assim fui desenvolvendo até chegar no pé. Quais sintomas são sentidos em cada parte do corpo e quais as espécies de plantas usadas para a cura.

A partir das conversas e entrevistas com os velhos, fui organizando as informações. Coloquei o nome da doença e o nome da espécie de planta que cura. Identifiquei as espécies que ficam na terra firme, na terra baixa, na beira do rio ou do igarapé. Verifiquei se as espécies vivem todas juntas ou individualmente.

Com a pesquisa percebi que existem algumas espécies que encontramos sempre em quantidade, enquanto outras são mais difíceis de encontrar na mata. Pesquisei também como se preparam os curativos: o que vai dar cozimento, o que amassa ou tira apenas o suco e qual a parte da planta a ser utilizada: a raiz, o casco, a folha ou a semente.



## Nixi Pae – O Espírito da Floresta

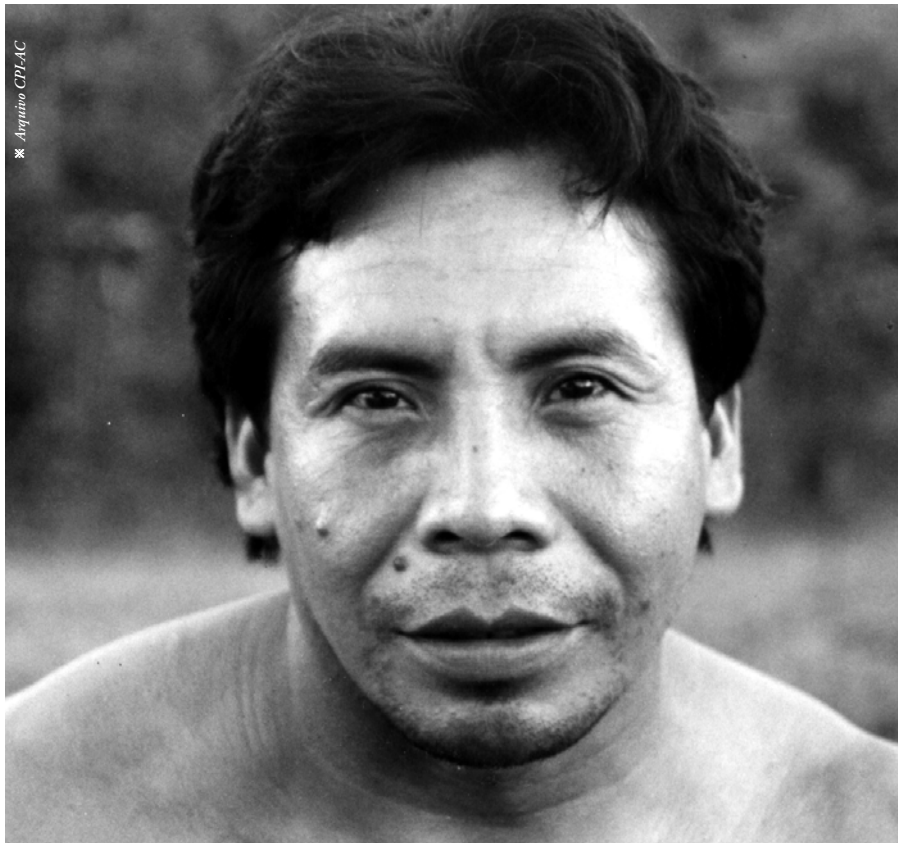
*Isaiás Sales Ibã Kaxinawá*

O livro Nixi Pae – O Espírito da Floresta, trata das cantigas relacionadas à bebida do cipó, a mais conhecida e usada pelo povo Huni Kuĩ na festa do pajé ou quando cantamos a música fazendo o trabalho de cura. Tomar cipó significa conhecer como se nasceu, como foi o início. O mundo que a gente recebe dentro da nossa mãe. Porque no nosso mundo o espírito está vivo. A nossa religião é *Yuxibu*. Ele vai buscar dentro da gente o nosso pensamento e mostra nas canções do cipó o seu segredo, o seu orgulho. Pega aquilo que você pensou e entrega tudo nas cantorias do cipó. Ele vai fundo. O *Yuxibu* não deixa nada de graça. *Yuxibu* é a jibóia e o pai dela é *Exeika*.

Eu, professor Ibã Huni Kuĩ, tenho prazer de mostrar a nossa cantoria do cipó, através da pesquisa que realizei com os três velhos Kaxinawá: Romão Sales *Tuĩ* Kaxinawá, Miguel Macário *Iskêti* Kaxinawá e Agostinho Manduca *Muru*. Ainda estou fazendo esse trabalho, aprendendo a música mais bonita do encanto do cipó. O meu trabalho foi com os pajés, gravei todas as músicas, depois transcrevi e fomos organizando o livro.



# Cartas para o Ixã



☐ Edson Medeiros Ixã Kaxinawá

Olá meus amigos,

Primeira coisa, eu não sabia que o Ixã tinha morrido, nem sabia que ele estava doente. Que pena, cada parente que se vai é uma história que vai junto. A gente chora só de pensar em não vê-lo mais, em não brincar e nem conversar mais com ele. A saudade e a lembrança tomam conta de nossos corações. Lembro da morte de meu pai, dos lamentos de minha avó e de minha tia, era um choro diferente. Elas batiam palmas inconformadas, falam coisas tristíssimas na nossa língua, chamando ele de 'meu filho querido', 'meu filhinho', é triste mesmo... Mas todos nós seres vivos um dia passaremos por isso.

◆ Edna Luiza Yawanawá  
TI Rio Gregório

Queridos amigos da CPI-AC,



Ixã morto é como um belo castelo de valor público a ser visitado pelas futuras e atuais gerações. Não só em sua longínqua terra, território do alto Jordão, mas entre povos e línguas que o ouviram e o ouvirão falar.

Pois a memória cultivada é uma fortaleza preservada: guarda histórias, ver-

dades e segredos. Tem muro alto na vigília e em defesa daquilo que permanece do passado, seu sentido maior e profundo em cada um, em todos nós.

É nosso dever, agora, ajudar a expandir a história de Ixã ao infinito por meio de nossos arquivos de seus quase 30 anos vividos entre nós.

Nós que tivemos a chance de provocar sua autoria original.

◆ Nietta Monte  
Loches - França

◆ Txai Terri Aquino  
Rio Branco

Meus amigos,

Como foi comovente testemunhar o sofrimento do Ixã durante os mais de seis meses em que ele ficou no Hospital de Base de Rio Branco! Fui visitá-lo algumas vezes, encontrando seus pais, Francisco Medeiros e Carmita, que paciente-mente cuidavam dele.

Em meados de 2004, passei três meses entre os seus parentes no Jordão e o encontrei em diversas ocasiões, sempre repleto de vida e bom astral. Primeiro, numa oficina de etnomapeamento realizada na aldeia Boa Vista, organizada pela CPI-Acre. Segundo, na sua própria casa e na de seu sogro, Irapuã Caxambú, na aldeia Verde Floresta, onde ele me ajudou a responder um extenso questionário sociambiental. Terceiro, na festa de *katxanawa* e *nixi pei* na aldeia São Joaquim do seu amigo e parente, o professor Tadeu Mateus, e do meu velho amigo, o *txana* Agostinho Manduca Mateus. E, por

último, na sede do município de Jordão, onde ele participou ativamente, junto com outros professores, agentes de saúde, agroflorestais, representantes e lideranças tradicionais das 28 aldeias Kaxinawá e diretores da ASKARJ de uma oficina promovida pela Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas (SEPI), para a elaboração de uma proposta de desenvolvimento sustentável para o povo Huni Kuí das três terras indígenas daquele município.

Assim era o Ixã, um dedicado professor indígena, um eficiente técnico pedagógico das sete últimas escolas do alto rio Jordão e um representante atuante de seu povo.

Quando retornar novamente ao Jordão, o que faço regularmente nesses últimos 30 anos, vou sentir muita falta do nosso amigo Ixã, também conhecido como Edson Medeiros Kaxinawá. Desejo agora uma boa viagem ao seu espírito no rumo da eternidade. A Deus, Ixã.



## V Festival de Cultura Yawanawá



A Organização de Agricultores Extrativistas Yawanawá do Rio Gregório (OAEYRG) e a Cooperativa Agro-Extrativista Yawanawá (COOPYAWA) têm a honra de convidar vocês para participar do **V Festival de Canto, Dança, Expressão Artística, Manifestação Cultural e Espiritual do Povo Yawanawa** que será realizado entre os dias 25 e 29 de julho de 2006 na Aldeia Nova Esperança.

Para maiores informações sobre locomoção e meios de transporte para chegar até a aldeia, por favor contactar a Organização Yawanawá nos seguintes escritórios: Tarauacá – 68 3462 2025, Rio Branco – 68 3226 6919, Aldeia Nova Esperança – 68 3469 1000.

Esperando poder encontrá-lo na aldeia Nova Esperança, despedimo-nos cordialmente.

*Joaquim Luís Tashka Yawanawá – Coord. OAEYRG / COOPYAWA*  
*Biraci Brasil Nixiwaka Yawanawá – Liderança do povo Yawanawa*



A Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC) estará realizando o **I Seminário dos Professores Indígenas do Acre** e tem o prazer de convidá-lo para participar deste evento que vai acontecer do dia 7 a 11 de agosto de 2006 no Centro de Formação dos Povos da Floresta, no km. 8 da estrada Transacreeana.

Estamos lhe convidando para participar da abertura do nosso seminário que será às 8:00hs da manhã do dia 7 de agosto, com o tema “Definir estratégia de atuação e parceria com as ações públicas da educação intercultural no Acre”. Estamos a sua disposição para maiores esclarecimentos.

Cordialmente,

*Joaquim Paulo de Lima Kaxinawá – Coord. OPIAC*

**yuimaki**

Ano XIV - 28ª Edição - Publicação Semestral



**Comissão Pró-Índio do Acre**

<http://www.cpiacre.org.br>  
 Rua Pernambuco, 1026 - Bosque - Rio Branco - Acre  
 (0xx68) 3224-1426/ 3224-9030  
[cpiacre@cpiacre.org.br](mailto:cpiacre@cpiacre.org.br)

Editor es: Ingrid Weber e Renato Gavazzi.

apoio:

**R** Rainforest Foundation

**OPIAC** ORGANIZAÇÃO DOS PROFESSORES INDÍGENAS DO ACRE



*Associação do Movimento dos Agentes agroflorestais Indígenas do Acre*